

Resenha

Atlas de centros históricos do Brasil

Beatriz Rego Barros de Vasconcellos Dias*

[PESSOA, José; PICCINATO, Giorgio (Org.).
Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2007]

Como resultado de um trabalho de 18 anos, foi publicado o Atlas de Centros Históricos do Brasil, com a organização de José Pessoa e Giorgio Piccinato e a colaboração de vários pesquisadores.

É uma obra relevante para os estudos de patrimônio, do urbanismo e da história das cidades, por ser um trabalho de sistematização do conhecimento no que tange à formação urbana, estudo esse que na maioria das vezes vinha sendo realizado por pesquisadores amadores.

Como nos diz Giorgio Piccinato no capítulo introdutório “As Cidades e a Construção do Território Brasileiro” o que justifica o interesse pela cidade é antes de tudo o reconhecimento do valor desta como testemunho do passado o que leva a um deslocamento da valorização do monumento singular para o conjunto urbano.

Interessante comentar que ao conceberem o Atlas a partir do eixo territorial os organizadores deslo-

caram a atenção do leitor do tradicional eixo regional e destacaram a importância da dimensão espacial no processo histórico. Na formação do território brasileiro o espaço impôs seus limites, descortinou horizontes e gerou possibilidades.

Como historiadora gostaria de ressaltar que a publicação chama a atenção pelo fato da maioria dos autores colaboradores ser constituída por arquitetos e ter contado apenas com um pequeno grupo de historiadores. Esse dado objetivo nos lembra que os temas relativos ao espaço ainda são pouco trabalhados pela historiografia brasileira. Nesse sentido, vale a pena citar Sérgio da Matta, um dos poucos historiadores que se dedica ao estudo do espaço urbano, e que diz da importância deste não apenas pelo fato de que impõe limites mais ou menos rígidos a uma sociedade, ou determinadas possibilidades econômicas. Segundo o historiador não se trata de explorar o espaço apenas em suas implicações formais, mas também pelas mentais, pela maneira como os homens se

* Mestre em História Social; Docente da UNILASALLE-RJ; beatrizvdias@uol.com.br

relacionam com esse espaço, como o compreendem e representam.¹

O Atlas foi dividido em cinco partes. Todos os capítulos do Atlas abordam os mesmos elementos que são: a evolução urbana, os aspectos culturais específicos de cada cidade e concluem brindando o leitor com um verdadeiro passeio, através do roteiro de visita onde os principais bens culturais são destacados, tomando como referência a idéia de que patrimônio não é apenas aquilo que é monumental mas tudo o que foi significativo na vida de cada núcleo urbano.

Na primeira parte intitulada “As Capitais da Administração Colonial”, trabalhada em quatro capítulos, é interessante perceber como o desenvolvimento urbano das cidades de Salvador, Rio de Janeiro, São Luís e Belém, esteve diretamente relacionado com os interesses da Metrópole e a montagem do aparato político colonial.

A segunda parte aborda “As Cidades de Mineração” com destaque para “Ouro Preto”, “Mariana”, “Diamantina”, “Pirenópolis” e “Goiás”. No capítulo sobre Ouro Preto Claudia Lage estuda a paisagem da vila com seus edifícios, casario, capelas, igreja, chafarizes e pontes. A autora propõe um percurso de visita que permite entender o que foi o processo de evolução urbana da cidade caracterizada pela estrada-tronco que ligava os vários

núcleos de povoamento.

“Os Centros Agrícolas para Exportação” são trabalhados na terceira parte analisando as cidades de Olinda, Cachoeira, São Félix, Marechal Deodoro, Vassouras e Muqui. Segundo Letícia Von Kruger Pimentel a pequena cidade de Muqui foi ocupada por migrantes fluminenses e mineiros no ciclo cafeeiro capixaba do século XIX, processo que permitiu aos povoados do interior do Espírito Santo saírem do isolamento que foi imposto pela metrópole a essa região no período colonial com o objetivo de controlar a entrada na região mineradora de Minas Gerais.

Na parte relativa às “Cidades de Conquista e Povoamento” oito autores abordam a importância das cidades como instrumento fundamental na empreitada portuguesa de conquista do território. Interessante verificar pelo texto da historiadora Leila Bianchi Aguiar como a evolução urbana de Porto Seguro no século XX esteve muito ligada ao próprio processo de “invenção” do país e de construção de uma memória nacional. Assim, a autora nos diz que no ano de 1900 as comemorações pelos quatrocentos anos de descobrimento do Brasil não incluíram a então pequena cidade de Porto Seguro, já que naquele momento a nação buscava exaltar a modernidade e o progresso. É expressivo o fato de que a valorização da cidade como lugar de

¹ - MATA, Sergio da. “O sagrado e as formas elementares do espaço urbano mineiro (séculos XVIII e XIX)”. Revista Rhema, Juiz de Fora, v. 4, n. 16, 1998, p. 13.

origem da nação brasileira tenha se dado a partir da década de 30 com o Governo Getúlio Vargas e sua política nacionalista.

Finalmente, o Atlas termina abordando “as Cidades Novas do Século XIX” e contempla Petrópolis, Corumbá e Antônio Prado. Essas três cidades escolhidas falam do período imperial em suas diferentes dimensões. A arquiteta Dina Lerner mostra que a Vila Imperial Petrópolis teve parte de seu desenvolvimento por ser centro de decisões políticas com a presença constante do imperador D. Pedro II. Além disso, a presença do elemento imigrante alemão contribuiu para a afirmação do setor industrial da cidade ainda no século XIX. Entretanto, o mais interessante é entender o plano urbanístico que foi marcado pela visão do engenheiro-militar alemão Júlio Frederico Koeler e que deu à cidade um rosto singular.

Seja pelo estudo dos patrimônios religiosos ou ainda dos aspectos culturais marcantes, o Atlas dá uma interessante contribuição para o estudo da história cultural, em especial das práticas e tradições religiosas ao reunir numa única obra cidades de diferentes regiões do Brasil o que permitiu uma

incrível visibilidade para a relação existente entre o universo religioso e a origem e desenvolvimento dos núcleos urbanos. Isso se compreende pelo fato de que a religião constituía um dos eixos principais da vida no período colonial.

Assim sendo, o Atlas de Centros Históricos do Brasil com seus textos, inúmeras fotografias e diversos mapas antigos e atuais reconstrói as diversas histórias das cidades, de suas sociedades e culturas. Citando ainda Giorgio Piccinato concluo dizendo que, sem dúvida, este trabalho contribui em muito para construir um quadro sistemático de conhecimento, colocando o patrimônio arquitetônico e urbanístico numa perspectiva correta.

Referências

PESSOA, José; PICCINATO, Giorgio (Org.). **Atlas de centros históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

MATA, Sergio da. O sagrado e as formas elementares do espaço urbano mineiro (séculos XVIII e XIX). **Revista Rhema**, Juiz de Fora, v. 4, n. 16, p.13, 1998.